

com os de D. João IV, desprezados pelos colleccionadores, por falta de reparo nas legendas, seriam envolvidos e baralhados sem deixar rasto na sucata de cobre, que em Lisboa abundava no tempo dos Lopes Fernandes, dos Lamas, e ainda um pouco posteriormente, corridos inadvertidamente no acto da escolha, cuja rapidez era a sagacidade systematica mais adequada para não fatigar a benevolencia dos caldeireiros, que, alem de serem os causadores do mais detestavel dos ruidos, com que, no bater da obra, encommodavam os moradores da rua Augusta, eram os fornecedores do cobre antigo para collecções.

Nós talvez em tempo commettessemos o nefando crime de mal fundada rejeição. Agora para todos os colleccionadores é tardio o arrependimento acompanhado pela magoa... A sucata de cobre amoedado já não existe.

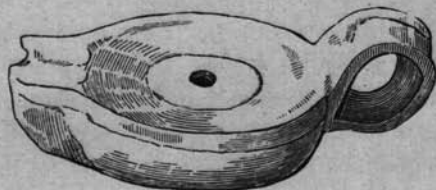
Lisboa, 5 de Junho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Lucerna romana dos arredores de Serpa

A lucerna, de que se dá aqui uma gravura em metade do tamanho natural, executada segundo um desenho do Sr. Jorge Collaço, pertence ao Museu Ethnologico Português, ao qual a offereceu o Sr. Manoel Dias Nunes, redactor da *Tradição*, de Serpa.

É de barro amarellado, com toda a superficie desgastada, sem figuras no centro, e só com vestigios de uma pequena ornamentação junto do bico ($\mu\tilde{\nu}\tilde{\zeta}\tilde{x}$ = *myxa*), do qual porém só resta metade. Ao centro,



Lucerna romana de Serpa

na parte superior da lucerna, ha um orificio, por onde se lançava o liquido que alimentava a luz. A asa é oval e aberta.

Foi encontrada nas ruinas romanas das Barrosas, vulgò *cidade da Rosa*, de que se fallou n-*O Arch. Port.*, v, 237 sqq. Supponho, pela sua fórma, pertencer ao sec. III ou IV, o que concorda com a data das moedas romanas achadas no mesmo sitio: vide *O Arch. Port.*, *ibid.*, 238.

J. L. DE V.